

Joaquim Costa Ribeiro

Gustavo Corção

QUANDO escrevia a última crônica da semana passada sobre a morte dos moços e a encabulação dos velhos, não sabia que acabava de falecer, na força da idade, um grande brasileiro e um grande amigo: o professor Joaquim Costa Ribeiro. Considerado sem nenhum favor um dos maiores físicos do Continente, Costa Ribeiro deixa-nos trabalhos, descobertas científicas, exemplo de professor querido por gerações sucessivas de alunos, e sobretudo nos deixa a recordação de um homem muito bom, muito amoroso e muito limpo. A carreira do professor Joaquim Costa Ribeiro foi rápida e sempre ascendente. Formado em 1928 na Escola Nacional de Engenharia, apresenta-se poucos anos depois como livre docente. Em 1935 vence um concurso no Instituto de Educação. Em 1946 vence o concurso da Faculdade Nacional de Filosofia. Descobriu um fenômeno termoeletrônico que traz o seu nome, fez conferências sobre suas pesquisas na Sorbonne, em Strasburgo e no famoso Instituto de Tecnologia de Massachussets. A partir de 1955 fez parte do Comitê Consultivo das Nações Unidas para as Aplicações Pacíficas de Energia Nuclear. Mais de uma vez representou o Brasil em congressos científicos, e esteve recentemente cerca de ano e meio em Viena como diretor da Agência Internacional de Energia Atômica. Além desses títulos prestigiosos, Costa Ribeiro tinha outros que o mundo aprecia menos: era uma alma boníssima, voltada para Deus e para o próximo, e foi um dos fundadores da Ação Católica Universitária, que tantos e tão bons frutos produziu vinte anos atrás. Além disso, Costa Ribeiro frequentava com familiaridade o mundo das artes, tendo deixado alguns poemas que já não são de amador, e para completar o quadro mais verídico, que já foi traçado em forma de elogio fúnebre, devo lembrar que Costa Ribeiro foi um grande, um exemplar pai de família. Seus nove filhos provarão que não minto...

Há nesses casos de morte súbita sempre uma lembrança suspensa: «Ainda ontem...». Dois dias antes, subia eu a colina do São Bento, para assistir à Missa do Estêvão (um dos moços que morreram), quando ouvi a voz bem timbrada e jovem do amigo Costinha. Parou o carro que o filho dirigia e convidou-me a subir com ele, lembrando-me que nós já não podíamos fazer aquelas violências. Absorvido pela lembrança de Estêvão esqueci-me de Costa Ribeiro. Nem lhe disse: — Adeus, Costinha... Nada. E dois dias depois a notícia dele já enterrado. Em compensação, se não teve a despedida deste magro amigo, teve todo um círculo de colegas, de cientistas, incluindo o padre Roser, que lhe ministrou os últimos sacramentos. Morreu numa consagração de amizade e de respeito.